
A HISTÓRIA MEDIEVAL NO SÉCULO XXI ENTRE ENSINO, HISTORIOGRAFIA E DEBATES PÚBLICOS

Renato Rodrigues da Silva¹

Resumo:

Este artigo tem como objetivo apresentar e discutir os projetos realizados no âmbito do Programa de Monitoria em História Medieval da Universidade Federal Fluminense, realizados no curso de História de Campos dos Goytacazes. Para tal, o texto se afastará do mero relato de experiências pedagógicas e se focará na articulação entre questões teóricas, metodológicas e na discussão dos desenvolvimentos e resultados apoiados nelas. Para isso, o artigo apresenta o contexto de realização do projeto, seus pressupostos teórico-metodológicos e os resultados obtidos até agora, apontando os limites e possibilidades dos projetos. Dentre as questões teórico-metodológicas, discutirá como o projeto se desenvolveu a partir da relação entre Small Teaching e Backward Design. Destacar-se-á, sobretudo, como o trabalho realizado no Programa de Monitoria têm sido fundamental frente aos desafios que a realidade do início do século XXI impôs à disciplina de História Medieval.

Palavras-chave: Docência Superior, Ensino de História, Ensino de História Medieval, Small Teaching, Backward Design.



Recebido em: 14/05/2025

Aceito em: 02/06/2026

Publicado em: 15/07/2026

¹ Professor do Departamento de História de Campos dos Goytacazes da Universidade Federal Fluminense. E-mail: silva_renato@id.uff.br

Introdução

Este artigo tem como objetivo discutir os projetos realizados no âmbito do Programa de Monitoria em História Medieval realizados no curso de História de Campos dos Goytacazes. O texto insistirá em superar o mero relato de experiência pedagógica direta, apesar do valor de artigos com este caráter. Este texto investirá na discussão teórico-metodológica, em como estes pontos se articulam com a execução/desenvolvimento do projeto, e quais foram os resultados e limites encontrados. Antes de iniciar esta discussão, contudo, é necessário dar um passo atrás e contextualizar os projetos.

O projeto aqui discutido foi construído e executado na Universidade Federal Fluminense, campos de Campos dos Goytacazes, no ano de 2024. Porém, uma versão anterior do projeto foi também submetida e aprovada em anos anteriores, sendo executado pela primeira vez nesta universidade em 2022. A localização no campus de Campos dos Goytacazes se torna de fundamental destaque para sublinhar o vigor e a importância da atividade de monitores junto à disciplina em questão.

A expansão da universidade federal brasileira e os programas de ação afirmativa (em particular as cotas) transformaram o perfil do estudante universitário do país (Nonato; Baliana, 2023). Campi de expansão como os da UFOPA, Unifesp e UFF passaram por um processo marcado por maior acesso, mas também com desafios crescentes (Lucca, 2025). Um desafio recorrente identificado por estudantes que ingressaram nas últimas décadas aponta dificuldades de leitura e escrita, em particular nas suas modalidades acadêmicas. Estudos mais sistemáticos que partiram de entrevistas com estes alunos apontam como que os processos que os vinculavam a grupos sociais minoritarizados acabam por impactar diretamente nestas dificuldades relatadas. A conclusão é de que estas dificuldades expressam e reconstroem modos de reprodução de metapragmáticas escolarizadas da escrita; ou seja, elas estão diretamente vinculadas ao contexto sociolinguístico de estudantes (Marinho; Signorini, 2022).

Esta crescente dificuldade com a escrita parece estar presente no campus no qual o projeto foi executado. Parte fundamental da execução do projeto previa construir ferramentas que garantissem leitura e escrita adequadas ao ambiente acadêmico, em função da detecção desta demanda através de conversas e análises das avaliações realizadas por estudantes.

Como forma de trabalhar estas questões, o projeto adotou a perspectiva do small teaching, que prevê que cada questão a ser ensinada pode ser realizada de forma simples, com atividades e propostas de pouco impacto (em relação à nota), e que podem ser iniciadas e terminadas no tempo de uma aula (Lang, 2021). O small teaching do projeto também está associado a outro princípio na forma de projetar o curso: o backward design.

No backward design o curso é estruturado primeiramente pelos objetivos; depois se passa pela avaliação para pensar qual é a evidência que servirá de medida para saber se o objetivo foi cumprido ou não; por último se chega aos conteúdos, sendo estes vinculados aos objetivos que se quer ensinar (Buehl, 2001).

Outro desafio em particular que o projeto enfrentou foi o desafio de atuar no ensino de História Medieval, uma realidade que parece muito abstrata e distante da realidade de estudantes. Além destes elementos, alguns textos fundamentais da disciplina ainda se encontram em línguas estrangeiras, mormente o inglês. Além disso, tanto a História Antiga quanto a Medieval foram alvo de críticas dos demais colegas da História, chegando a ser excluídas da primeira versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em 2015 (Lima, 2019). Abstrata, distante, eurocêntrica, elitista etc eram designações comuns à História medieval. A atuação de monitores se tornou fundamental ao enfrentar estes desafios, conforme o texto discutirá na sequência.

Desenvolvimento

O desenvolvimento do projeto de monitoria buscou atuar em duas frentes principais. A primeira diz respeito aos desafios específicos do ensino e pesquisa da História Medieval, que carrega os rótulos “distante”, “eurocêntrica” e “elitista”. A segunda diz respeito ao desafio comum a estudantes universitários atualmente, que são as dificuldades relativas à leitura e escrita acadêmicas.

O curso vinculado a este projeto foi projetado para estar vinculado à corrente que pensa a Idade Média como parte dos chamados “Passados Distantes”. Ou seja, que agrupa a Idade Média no conjunto da Pré-História, da História Antiga, e (por vezes) à História Moderna. A vinculação a esta perspectiva proporciona pensar no sentido de estudar a Idade Média não pelas suas continuidades, mas justamente pela relação de alteridade profunda que esta realidade tem com o presente (Silva, 2024). Estabelecer e entender um contexto a partir desta chave nos aproxima da relação com o “outro”, afiando o olhar para o “eu”. Assim, o ensino de passados distantes é fundamental para desnaturalizar o presente, e passar a compreender a sociedade na qual se vive como histórica: isto é, produto de ações humanas no tempo. Assim, cada aula tem como objetivo desnaturalizar um aspecto do presente a partir do contraste com o mundo medieval.

O foco em vincular cada aula a um ou dois aspectos a serem estudados (pela via da alteridade) também adveio de uma preocupação teórico-metodológica do proponente do projeto. Articulando small teaching com o backward design, as aulas foram vinculadas a objetivos específicos em cada uma delas (small teaching) sob um objetivo mais geral que norteou a arquitetura do curso (backward design). Assim, os objetivos do curso vinculado a

este projeto estiveram vinculados à desnaturalização das relações sociais do presente (como de classe, gênero etc).

No presente projeto, *small teaching* e *backward design* se associam em quatro frentes: um conteúdo por aula; no auxílio à redação dos relatórios de leitura; na execução das oficinas; no apoio de redação de um ensaio crítico. Os relatórios de leitura são fichas que estudantes devem preencher sobre os textos referentes às aulas. Todas as aulas têm uma oficina prevista na sua segunda metade, e a leitura dos textos e a redação do relatório auxilia na execução da oficina. Ao final do curso, estudantes devem também enviar um Ensaio Crítico, sobre como a visão deles de Idade Média foi sendo alterada ao longo do curso. Os monitores têm reuniões quinzenais com estudantes para auxiliá-los nas tarefas dos relatórios (o que auxilia na leitura acadêmica) e na do ensaio crítico (auxiliando na escrita acadêmica). Objetivando ofertar a estudantes a possibilidade de avaliar os métodos avaliativos empregados, o orientador do projeto produziu um formulário desidentificado (no Google Formulário) juntamente ao monitores para ouvir críticas e sugestões de estudantes. O link para o formulário foi disponibilizado pelo Google Sala de Aula, e seu preenchimento não era obrigatório, mas vivamente recomendado em sala de aula.

Os monitores também têm atuado na tradução de artigos e capítulos de livros em língua estrangeira para disponibilizá-los para estudantes que ainda não conseguem ler os mesmos nas línguas originais. Também criam, moderam e organizam grupos de WhatsApp para garantir acompanhamento mais próximo e ágil de estudantes. Nestes espaços, podem lidar com questões sem a presença do professor, possuindo maior liberdade de expressão e crítica do curso.

Por último, destaca-se o acompanhamento em reuniões quinzenais dos monitores com o orientador para dúvidas, questões e reavaliação das ferramentas adotadas no curso e no projeto. Em particular, discute-se se elas estão adequadas ao perfil da turma atual de História da Idade Média. Também é fundamental ressaltar que o projeto e sua execução passam por revisão por pares tanto na avaliação do projeto de monitoria quanto na semana acadêmica.

Resultados e Discussão

Os resultados quantitativos expressam que há um aumento significativo da média escolar (considerando a nota final da disciplina) em anos nos quais houve a execução do projeto de monitoria (como 2022 e 2024) quando comparados àqueles nos quais não houve esta iniciativa (2021 e 2023). Com apoio de monitoria, a média é de 9,2 (nos dois anos); sem monitores, a média é de 7,8 (nos dois anos). Para ambos os casos, desconsiderou-se os trancamentos e abandonos. Esta nota é composta por até 3,5 pontos atribuídas aos

relatórios de leitura (0,5 por relatório); até 3,5 por oficina (0,5 por oficina); 3,0 para o Ensaio Crítico. Conforme explicado anteriormente, a diluição da nota durante o semestre foi projetada. Por se tratar de uma redação mais longa, o Ensaio também permite ao orientador acessar a escrita dos estudantes, que melhora significativamente ao ter apoio da monitoria.

Ao acessar o Google Formulário para considerar as opiniões de estudantes, nota-se amplos elogios às atuações dos monitores; sem projeto de monitoria, destacou-se a manifestação de desejo de acompanhamento. Destacam-se em ambos os casos nos Ensaio Críticos como a visão da Idade Média foi transformada, perdendo os tons de realidade masculina, branca, elitista etc.

Desafios permanecem: línguas estrangeiras permanecem uma barreira significativa. A ausência de garantia de bolsa para execução da monitoria certamente impacta a continuidade do projeto, assim como uma avaliação de longo prazo. O maior desafio, contudo, é que parte significativa dos estudantes também são também trabalhadores, dificultando o estudo fora do horário das aulas. O grupo de WhatsApp auxilia, porém não resolve.

Conclusões

A execução do projeto de monitoria parece ter contribuído sensivelmente para que os objetivos do projeto e do curso fossem alcançados, tanto no âmbito da proposta do aprimoramento da leitura e escrita acadêmica quanto na desconstrução da Idade Média como um espaço-tempo eurocêntrico, embranquecido, masculino, elitizado. Os limites se encontram sobretudo em questões societárias estruturais, como o acesso às línguas estrangeiras, a disponibilidade de horário para estudo e encontros fora do horário de aula, a não garantia da bolsa. Porém, a execução do projeto também foi fundamental para construir reflexões e experiências de ensino superior, para monitores, estudantes e docentes, contribuindo para a contínua formação de professores-pesquisadores em diversos níveis.

Referências

BUEHL, D. Backward Design; Forward Thinking. **Education News**, 16 abr. 2001.

DA SILVA, R. R. Teaching the Middle Ages in the Global South: A Few Whys and Hows. **Journal of Early Medieval Northwestern Europe**, v. 1, n. 21, 23 maio 2024.

LANG, J. M. **Small teaching: everyday lessons from the science of learning**. Second edition ed. San Francisco: Jossey-Bass, 2021.

LIMA, D. M. X. D. Uma História contestada: A História Medieval na Base Nacional Comum Curricular (2015-2017). **Anos 90**, Porto Alegre, RS, v. 26, p. 1–21, 2 ago. 2019.

LUCCA, B. Símbolo da expansão do ensino, Unifesp faz 30 anos e cobra repasses para manter estrutura. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 6 jan. 2025. Educação. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2025/01/simbolo-da-expansao-do-ensino-unifesp-faz-30-ano>

s-e-cobra-repasses-para-manter-estrutura.shtml. Acesso em 01/07/2025.

MARINHO, H. N.; SIGNORINI, I. Percepção de dificuldades de leitura e escrita por ingressantes universitários que não passaram pelo vestibular. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 38, n. 4, p. 202259479, 2022.

NONATO, A.; BALIANA, I. Uma década de transformações no ensino superior. **Estadão**, São Paulo, 27 out. 2023. Guia da Faculdade. Disponível em: <https://publicacoes.estadao.com.br/guia-da-faculdade/artigos/uma-decada-de-transformacoes-no-ensino-superior/>. Acesso em 01/07/2025.